

# A NARRAÇÃO DE (CONTRA)ESTÓRIAS E A ANÁLISE DO DISCURSO: FABULAÇÕES NEOMATERIALISTAS

(CONTRA)HISTORIAS Y ANÁLISIS DEL DISCURSO: FABULACIONES NEOMATERIALISTAS

(COUNTER)STORIES AND DISCOURSE ANALYSIS: NEOMATERIALIST FABULATIONS

**Nathalia Müller Camozzato\***

Instituto Federal de Santa Catarina

**RESUMO:** O artigo, inscrito na proposição de uma análise neomaterialista dos discursos arqueogenealógica que recebe aportes da virada material-ontológica, do realismo agencial e dos pós-humanismos, especula a produtividade de uma metodologia narrativo-fabulativa para os fazeres analíticos das práticas discursivas diante de uma compreensão de discurso difratada e dilatada para açambarcar a intra-ação entre o humano e o outro que humano, entre a materialidade e a linguagem. Para tanto, são entabuladas discussões que versam sobre o problema da voz nos estudos linguístico-discursivos e são brevemente narradas constrastórias da voz diante das dissidências de gênero e sexualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise neomaterialista dos discursos. Novos materialismos. Voz. Dissidências sexuais e de gênero.

**RESUMEN:** El artículo, inscrito en la propuesta de un análisis neomaterialista de los discursos arqueogenealógicos que recoge del giro material-ontológico, el realismo agencial, los feminismos y los posthumanismos, especula sobre la productividad de una metodología narrativo-fabulosa para el trabajo analítico de las prácticas discursivas frente a una comprensión difractada y dilatada del discurso para abarcar la intra-acción de los fenómenos dispersivos entre lo humano y lo otro-que-humano, entre la materialidad y el lenguaje. Para eso, se discute el problema de la voz, aquí llamada biotecnovoz, en los estudios lingüístico-discursivos, y se narran brevemente las contrahistorias de la voz frente a la disidencia de género y sexualidad.

**PALABRAS CLAVE:** Análisis neomaterialista del discurso. Nuevos materialismos. Voz. Disidencia sexual y de género.

---

\* Professora EBT do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutora e mestra em Linguística pela mesma universidade. E-mail: nathaliacmcrevisao@gmail.com.

**ABSTRACT:** The article, inscribed in the proposal of a archaeogenealogical neo-materialist analysis of discourses which receives contributions from the material-ontological turn, agential realism and post-humanisms, speculates on the productivity of a narrative-fabulative methodology for the analytical work of discursive practices in the face of a diffracted and dilated understanding of discourse to encompass the intra-action between the human and the other-than-human, between materiality and language. To do that, a discussion on the problem of the voice in linguistic-discursive studies is undertaken, and stories of the voice in the face of gender and sexuality dissidence are briefly narrated.

**KEYWORDS:** Neo-materialist discourse analysis. New materialisms. Voice. Sexual and gender dissidence.

## 1 INTRODUÇÃO

Jogando figuras de corda com Marilyn Strathern e suas contribuições sobre a antropologia comparativa e o pensamento feminista em sua etnografia dos melanésios – “[...] importa quais ideias usamos para pensar outras ideias (com)” (Strathern *apud* Haraway, 2023 [2016], p. 29), Donna Haraway convoca, a partir da figuração FC, a um modo acadêmico de fabulação especulativa e de narratividade voltadas à mundificação, à mundaneidade:

Importam as matérias que usamos para pensar outras matérias; importam as histórias que contamos para contar outras histórias. Importa quais nós amarram nós, quais pensamentos pensam pensamentos, quais descrições descrevem descrições, quais laços enlaçam laços. Importa quais histórias produzem mundos, quais mundos produzem histórias. (Haraway, 2023 [2016], p. 29).

Ainda que já tenha sido sobremaneira discutida a intradutibilidade do termo “*matter*” em sua dupla significação de “importar” e “materializar”, por exemplo, nos casos de Butler (2020 [1993]) e Barad (1998, 2007, 2017 [2011]), e, inclusive, tenha sido criado o neologismo *materiar*, que ouvi de Juliana Fausto, esta não é uma questão menor nesta apropriação sudaca de teorias produzidas na topologia específica do feminismo anglófono, dado que “importar” está aqui para “materializar”. Em outras palavras, se, como o título deste artigo indica, evoco as histórias tal como solicitadas por diferentes solos como os de Tsing (2022 [2015]), Haraway (2016) e Le Guin (2021) – as três tomadas como práticas de FC, nos termos de Haraway (2023 [2016]) – enquanto uma estratégia analítica para o trabalho material-discursivo, o faço desde a compreensão de que tais histórias, em uma queer/cuir emergência e desfazimento local de fronteiras – entre, por exemplo, sujeito e objeto, o corte agencial<sup>1</sup> (Barad, 2007, 2017 [2011]) – não dirão apenas de figurações, regularidades, semioses e língua, mas serão uma questão mesma da “carne do mundo”, da “discursividade da matéria” e da “carne da língua”. “Está claro que não se pode utilizar a palavra carne sem entender vulnerabilidade e dor” (Haraway; Goodeve, 2015, p. 55). Dirão, ainda, de formas de resistência, espécies de contraestórias, afeitas aos contradiscursos.

De todo modo, o excerto de que parto indica questões que serão centrais na proposição afectada e articuladora (Latour, 2008) que aqui faço, qual seja, a de que a narratividade de histórias de caráter parcial, especulativo e implicada com a mundaneidade e com as racializações biopolíticas (Foucault, 2008) e tecnobiopolíticas (Haraway, 2023 [1991]; Butturi Junior, 2019) é uma estratégia de aproximação do problema da língua(gem), do discurso e das coisas, da carne, dos fenômenos diante da heterogeneidade emaranhada que caracteriza a intra-ação, conceito de Barad (2007, 2017 [2011]) a que retornarei muitas vezes e que, contrastando com a noção de interação que pressupõe agentes previamente constituídos, falará da relacionalidade presente no emaranhado indissociável entre agentes envolvidos em um fenômeno cuja consistência é a indeterminação ontológica – o discurso e a materialidade, os sujeitos e os objetos, os dispositivos e as mediações.

A relacionalidade dispersiva – a ausência de paz entre palavras e coisas, como Butturi Junior (2023) notou – é aqui endereçada (i) desde uma análise neomaterialista dos discursos (Butturi Junior; Camozzato, 2023; Butturi Junior, 2023), em que, à questão arqueogenealógica de Foucault, é oferecida uma visada que adensa o problema *naturalcultural* e da agentividade não humana, na qual a narratividade de uma profusão de histórias (Tsing, 2022 [2015]) é tomada como uma estratégia diante de fenômenos-

<sup>1</sup> Barad (2007, 2017 [2011]) conceitua o “corte agencial”, oposto ao “corte cartesiano”, como uma relação imanente, materiada e local de separação entre “sujeito” e “objeto”, os quais, de sua indeterminação ontológica, passam a ter, no âmbito do fenômeno e a partir de operações específicas e causais, os contornos fronteiriços objetivo e subjetivo.

dispositivos intra-ativos; e (ii) considerando, na contingente limitrofia que cinde humanos/não humanos/menos que humanos, as racializações biopolíticas (Foucault, 2008) e tecnobiopolíticas (Haraway, 2023 [1991]; Butturi Junior, 2019), a distribuição desigual de precariedade (Butler, 2018) e de violência (Butler, 2021) e a produção de corpos subalternizados (novamente, humanos e não humanos).

Considerando esta introdução, os movimentos que este artigo – afinal, uma leitura difrativa<sup>2</sup> (Barad, 2014) entre teorizações heterogêneas como as de Haraway, Tsing, Barad, Foucault – fará são os seguintes: inicialmente, discutirei o problema da narratividade de uma profusão de estórias que descentralizam a agência do Antropo- em um solo com-posto e neomaterialista relacionando-as à arqueogenealogia foucaultiana; em seguida, como um exercício de uma prática material-discursiva, implicarei-me na fabulação de estórias que trazem à tona o problema do humano, do gendramento, do técnico, da vida e da linguagem em uma cartografia da biotecnovoz, este último, um conceito fulcral para a fabulação de estratégias narrativas na análise neomaterialista dos discursos, coisa que discuti em minha tese (Camozzato, 2022b). O texto se encerra com uma discussão sobre a metodologia aqui aventada como uma proposição capaz de encetar articulações (Latour, 2008) e outras afecções no âmbito da análise dos discursos.

## 2 UMA PROFUSÃO DE ESTÓRIAS

Para delinear as fronteiras do que são as estórias desde uma mirada material-discursiva e não antropocêntrica, esta seção convoca as artes de ficar com o problema, de Haraway, as artes de notar, de Tsing, e descontinuidade das outras histórias da genealogia foucaultiana. No ano de 2016, Donna Haraway estreou o documentário *Donna Haraway – Story telling for earthly survival*, dirigido por Fabrizio Terranova. Em uma das cenas, Haraway descreve a feitura de um experimento nos seguintes termos “[...] você tem que estar constantemente escrevendo esta estória em particular, não uma estória em geral, mas esta. Você tem que estar aqui, não em todo lugar. Você tem que se conectar com algo, não com tudo. O único modo é nos engajarmos conosco e fazermos algo de novo, de novo e de novo” (tradução minha).

Também no livro *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno* (2023 [2016]), lançado no mesmo ano, Haraway radicaliza sua premissa, já vinda de trabalhos anteriores, de que as fabulações de mundo e narrativas locais e parciais nas quais estão indissociáveis emaranhados materiais-semióticos de existências corporificadas e terrestres são uma forma ética, responsável e objetiva de criação, de pensamento e de produção de conhecimento. Gostaria de debater com Haraway a potência do gesto de contar estórias parciais, não-inocentes, locais e finitas – utilizando, para tal uma miríade de recursos coletados aqui e acolá e mantidos unidos em uma bolsa (Le Guin, 2021), na contingência carnal do trajeto do narrar – como forma de inscrição da complexidade material das associações e dos emaranhados no discurso.

Assim como em *matter*, a tradução de *story* para “estória” – e não “histórias” ou “narrativas” – também já foi discutida para o caso de textos de Haraway, Tsing e Le Guin. De minha parte, retomo as estórias como acidentes e como narrativas minoritárias. Não se trata da recomposição de uma totalidade histórica, fatos vistos de cima, mas de outra escala de narrativa: “*this particular story*” – que, por sua vez, pode fazer rizoma com outras estórias, também particulares. Este contar de estórias é tido como um gesto de fabulação de mundo, uma maneira de narrar consequente quanto ao emaranhado material, semiótico e, adiciono, discursivo. Não obstante, trata-se de contar estórias em uma ética que aglutine problematizações gendradas, racializadas e sexualizadas.

Nos últimos trabalhos de Haraway, mencionados acima, a narração de estórias é um modo de “ficar com o problema”, neste caso, deter-se – sem busca por uma salvação – nos efeitos de destruição e de risco de extinção da vida na terra que caracterizam a temporalidade catastrófica do Antropoceno e de seu aparentado, o Capitaloceno. É para fabular outra forma de devir do mundo que a bióloga inventa uma temporalidade tentacular, solo para que as estórias sejam contadas: o Chthuluceno. Na tentacularidade ventilada por Haraway como um modo de ficar o problema, FC<sup>3</sup> (SF) é um conglomerado chave. FC, entre outras coisas, dirá de

<sup>2</sup> Tal como o gesto analítico de Barad (2014), assumo a difração, de um fenômeno óptico outro que produção de mesmidade encetada pela refração e pela reflexão, como uma estratégia ético-onto-epistemológico de mapeamento da produção de diferenças e de seus efeitos, no caso deste artigo, das quatro visadas ao discurso, às estórias e às materialidades humanas e outras que humanas.

<sup>3</sup> A tradução FC para SF, no caso de Haraway, é aqui praticada tal como Juliana Fausto o fez na tradução de *Quando as espécies se encontram* (Haraway, 2022 [2008]).

figuras de corda (*string figures*) (aquele jogo de figuras feitas com fios nas mãos também chamado de Cama de Gato), ficção científica, feminismo especulativo, fato científico. Estendendo-me nessa caracterização do FC, aponto que, entre a ficção, a fabulação, os vínculos e as linhas, essa tentacularidade narrativa e especulativa dirá de uma ética pautada pela responsabilidade diante de nossas conexões parciais, diante de nossa própria limitação e finitude, e, especialmente, diante dos modos de vida que queremos instaurar e especular:

As histórias sistêmicas e conectadas de metabolismos, articulações ou coproduções (escolha sua metáfora) de economias e ecologias, de histórias e de criaturas humanas e não humanas devem ser implacavelmente oportunistas e contingentes. Elas também devem ser implacavelmente relacionais, simpoiéticas e consequentes. Elas são terrestres, ou seja, não são cósmicas, nem abençoadas ou amaldiçoadas no espaço sideral. [...] Há várias boas narrativas a serem contadas, muitas bolsas de rede ainda por costurar, e não apenas por seres humanos. (Haraway, 2016, p. 49, tradução minha).

Sustentando e repassando os fios e os padrões que Haraway nos entrega, ainda é relevante retomar um debate anterior da autora (Haraway, 2009), que perfaz uma crítica da objetividade em ciência como um descolamento do sujeito cognoscente da realidade ou fato observado, a visão de cima e transcendente, endereçando, em seu lugar, uma objetividade feminista que recuse reducionismos e promessas de alcance total do saber para produzir conhecimento que se pretenda parcial, localizável, responsável, em diálogo com saberes subjugados: “Não buscamos os saberes comandados pelo falocentrismo (saudades da presença da Palavra única e verdadeira) e pela visão incorpórea, mas aqueles comandados pela visão parcial e pela voz limitada” (Haraway, 2009, p.33).

Ora, empregar a narrativa de histórias como método, uma invenção e uma prática de resistência é, aqui, instrumentalizar as cartografias material-discursivas de ferramentas atinentes à especificidade das forças e intensidades locais e parciais, em sua materialidade, sedimentação e vibratidade e recusar narrativas grandes demais que, por sua extensão e gestos de formalização seriam tomadas como “mais objetivas”. Logo, um modo de ficar com problema da linguagem e do discurso emaranhados à materialidade, à vida e à precariedade. A objetividade da cartografia, ademais, residirá justamente no caráter encarnado e corpóreo, uma expedição atenta ao emaranhado, e se ancorará na premissa de que apenas **local e parcialmente** é que podemos acessar um efeito de fronteira e efeito de objeto nos compósitos material-discursivos.

Passemos a Tsing (2022 [2015]), suas artes de notar e a narratividade de uma profusão de histórias como método. As histórias do matsutake, cogumelo iguaria não cultivável, *antiplantation* que enreda paisagens como as hiperurbanização japonesa e as florestas de Oregon - EUA, deflagram, para Tsing, os encontros e as indeterminações que produzem as possibilidades de vida nas ruínas do capitalismo e na aceleração dos processos de destruição de mundo. Seguir o aroma dos cogumelos e de seus humanos demandou uma profusão de histórias que solicitam um descolamento do Antropo- para que se dê a emergência de manchas na paisagem, de temporalidades múltiplas e de assembleias entre humanos e não humanos que, por sua vez, têm ritmo outro que o tempo teleológico e progressista da modernidade. Esses encontros/assembleias, marcados pela vulnerabilidade e pela indeterminação, são justamente o que torna a vida possível e é neles que se emaranham diferentes modos de fazer e projetos de mundo (novamente, não só humanos), em economias de contaminação e colaboração atravessadas por diferentes escalas.

Nas estratégias produzidas por Tsing para tal narratividade encontramos o marco da passagem da causalidade das assembleias/encontros para o acontecimento: “Pensar a partir de assembleias nos convoca a perguntar: como os encontros às vezes se tornam ‘**acontecimentos**’, isto é, como se tornam maiores do que a soma de suas partes?” (Tsing, 2022 [2015], p. 68, grifos meus). Ora, contornar o acontecimento, em sua material-discursividade, é justamente a marca de um fazer da análise neomaterialista dos discursos, tal como Butturi Junior e Camozzato (2023) o têm definido, e a acontecimentalidade é um dos aspectos circunscritos pela arqueogenealogia foucaultiana, como veremos abaixo. Sustento, assim, que perseguir tais acontecimentos, extrapolando a centralidade, autodeterminação e teleologia do Antropo-, é o que deve ser notado e narrado pela pessoa analista do discurso que deseje suspender momentaneamente a centralidade antropocêntrica da linguagem para margear a precariedade, a indeterminação e a parcialidade das forças que fazem mundos material-discursivos, humanos e não humanos. As noções de profusão de histórias e de localidade e indeterminação são antitéticas ao resumo e à formalização que marca o conhecimento moderno. “Se uma profusão

de histórias conturbadas é a melhor maneira de contar sobre a diversidade contaminada, então é hora de tornar esta profusão parte de nossas práticas de conhecimento” (Tsing, 2022 [2015], p. 83).

Bordejando o acontecimento, chegamos à nossa terceira paragem, arqueogenealógica. Nas suas fabulações de uma análise neomaterialista dos discursos, Atilio Buturi Junior (2023) já investigou aquilo que chamou de “as coisas sem paz” na arqueogenealogia foucaultiana, indicando como, diferentemente das críticas feitas por Barad (2017 [2011]) a Foucault e que endereçam um certo “antropocentrismo” do filósofo, a teorização foucaultiana invoca compósitos em uma luta agonística entre o que hoje chamamos de humano e não humano, ou seja, nela, a própria espessura de coisas como, por exemplo, as “formações discursivas” ou a “governamentalidade” se dão no caráter material das práticas e estão atravessadas por enredamentos, associações e contágios. Logo, nota-se, em diferentes fases da arqueogenealogia, uma relacionalidade e uma acontecimentalidade entre o não-discursivo e o discursivo, aquilo que Barad mesma chamaria de intra-ação.

No clássico texto de 1971, *Nietzsche, a Genealogia, a História*, Foucault (2000b) dedica-se à história como acidente e descontinuidade, indicando a genealogia, a partir de Nietzsche, como oposta à teleologia e à origem. É desde a noção de histórias como esta seção as entendeu até aqui que me aproximo da genealogia foucaultiana, buscando ler a genealogia contaminada pelas histórias em sua carnalidade viscosa, tal como Haraway, e na profusão de histórias indeterminadas e de diferentes escalas, tal como Tsing. A hipótese é de que a história liberada da metafísica que tanto Foucault quanto Nietzsche evocam está para isso que aqui temos chamado de profusão de histórias ou para as histórias terráqueas, ou seja, de que as teorias, cada qual em seu *solo* específico, solicitam coisas em comum, como uma narratividade dos encontros e acontecimentos entre coisas que, não obstante disparatadas e heteróclitas, fazem mundo e fazem história, além de oferecerem um determinado estatuto para a materialidade humana e não humana.

Algumas coisas ditas no texto de 1971 sustentam esta hipótese. A primeira é como a grande narrativa da história, ordenada entre a busca pela origem e uma essência suprahistórica teleológica, é, na genealogia, abandonada em prol da “[...] singularidade dos **acontecimentos**, fora de qualquer finalidade monótona” (Foucault, 2000b, p. 260, grifo meu), ou seja, como a dispersão errática e a contingência acontecimental são o terreno do genealogista. Relembremos aqui dos encontros tornados acontecimentos em Tsing. A genealogia requer essa meticulosidade para adensar a discórdia e o disparate entre as coisas e acontecimentos que se aglutinam e emergem sem essência ou com uma essência “[...] construída peça por peça a partir de figuras que lhes eram estranhas” (Foucault, 2000b, p. 262), logo, uma essência compósita.

Se a genealogia tem como tarefa “[...] descobrir que, na raiz do que conhecemos e do que somos, não há absolutamente a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente” (Foucault, 2000b, p. 266), nela, a proveniência – não a origem – é um problema do corpo no acontecimento de sua articulação com a História, dado que ele é o que “[...] sustenta, em sua vida e sua morte, em sua força e fraqueza, a sanção de qualquer verdade e de qualquer erro, tal como ele sustenta também, e inversamente, a origem” (Foucault, 2000b, p. 267). Gostaria de salientar, na esteira do que fez Buturi Junior (2023), que o corpo da genealogia é um corpo em que o humano se constitui em suas fronteiras com o outro que humano, um corpo contaminado por “[...] tudo que se refere ao corpo: a alimentação, o clima, o solo – corpo como em luta em insuperável conflito (Foucault, 2000b, p. 267). Finalmente, como fechamento para esta genealogia foucaultiana difratada pelos novos materialismos e pelas artes de notar, gostaria de mostrar a espécie de agência múltipla que bordejia a emergência dos acontecimentos: se ele se produz em um determinado estado de forças: “[...] ninguém é responsável por uma emergência, ninguém pode se atribuir a glória por ela; ela sempre se produz no interstício” (Foucault, 2000b, p. 269), interstício, acréscimo, humano e não humano, material e discursivo.

A intenção, na aproximação difrativa de três lentes teóricas, foi adensar a discussão das histórias como um método para a análise neomaterialista dos discursos de viés arqueogenealógico. Não obstante o contorno para histórias proliferar diferenças entre as compreensões de Haraway e Tsing e não obstante a noção de história ser inferida a partir de uma certa espessura da genealogia foucaultiana, é mister notar que, em qualquer caso, a história tal como fabulada até aqui, percorre as localidades e parcialidades – neste artigo, sudaca, topologizada, racializada e gênero-sexo-dissidente – dos acontecimentos em que estão emaranhados agentes humanos e não humanos. Nisto reside sua objetividade. Acontecimento, contaminação, dispersão, relacionalidade, colaboração e emaranhado são, nesse sentido, conceitos-chave para a caracterização desta especificidade narrativa.

Na análise do discurso arqueogenealógica ora proposta, em que a noção de discurso é ampliada para o fenômeno material-discursivo, a estratégia de contar histórias, como visto aqui, é também um modo de descrever as regularidades e os dispositivos, percorrer os deslocamentos, fazer notar os acontecimentos, delimitar os diagramas. Trata-se, em outras palavras, de uma narratividade implicada com os fazeres analíticos. As histórias, é preciso demarcar, também se orientam à fabulação de vidas mais vivíveis diante das desiguais precarizações e racializações, explicitando nos dispositivos e agenciamentos, as invenções e práticas de si da ordem do híbrido, do compósito e da agência distribuída. Algo que chamo de **estórias de si** (no prelo) e que é contaminado nas práticas de si foucaultianas e pelas histórias simpoiéticas.

Quando falo em histórias de si, remontando às práticas de si foucaultianas para perturbá-las, é fundamental fazer notar que tais histórias dizem, não de uma autopoiesis mas de uma simpoiesis (Haraway, 2023 [2016]). Em outras palavras se o sujeito narra a si mesmo em uma prática de mundificação e fabulação, nunca o faz sozinho, e quando se narra está implicado em práticas situadas de fazer do mundo, dado que narrar histórias e acessar outras histórias é, em uma trama FC, crucial para sobrevivência e integridade das formas de vida – novamente, sobretudo racializadas, gendradas, sexualizadas, suleadas etc. – em um planeta em ruínas. Cito Haraway (2019, p. 1, tradução minha):

No entanto, nada se cria sozinho, nada conta sua própria história. As histórias se encaixam como bonecas russas dentro de cada vez mais histórias e se ramificam como teias de fungos que lançam cada vez mais fios pegajosos. A simbiografia é como a simpoiese, ou seja, fazer com e contar com companheiros indisciplinados que são necessários para se tornar algo. Na escrita com-posta, bios, zoé e poiesis são desfeitos e refeitos porque morrer e desformar são tão elementares quanto viver e formar. As histórias terrestres são geohistórias, não se limitando a bios, zoe ou poiesis.

Em síntese, a partir da profusão de histórias, a análise do discurso tem que se haver com sua própria responsabilidade (Haraway, 2023 [2016]; Barad, 2010), as habilidades responsivas que tem de fabular a partir do problema da matéria, da linguagem, do humano e do outro que humano. Isso abrangerá pelo menos as seguintes questões:

- (i) Salto de uma noção de sujeito como antropos para um sujeito simpoiético e salto de discurso tomado em uma cesura ontológica entre linguagem e matéria para um discurso radicalmente imanente e pragmático (Deleuze; Guattari, 2011), maquínico e rizomático, em que fenômenos-dispositivos ocorrem no regime da intra-ação (Barad, 2017 [2011]);
- (ii) Narratividade como estratégia analítica para abordagem dos fenômenos-dispositivos como acontecimentos, fazendo das histórias uma cartografia das marcas dos sujeitos, do humano, e das marcas da matéria, do não humano, da coisa;
- (iii) Histórias concebidas como uma fabulação realista agencial, o que quer dizer, a ação da matéria e ação do discurso sem externalidade uma à outra, uma mirada à noção de “práticas discursivas” como aquilo em que não há fronteira fixa entre o “humano” e o “não humano”, fronteira que apenas será produzida em um corte agencial no gesto de análise (Barad, 2017 [2011]);
- (iv) Fabulação compreendida como uma arte de “inventar possíveis” (Despret, 2022) e de “ficar com o problema” (Haraway, 2023 [2016]), o que solicita respostas especulativas, especialmente no sentido de que fato científico e ficção especulativa estão em agonismo recíproco e determinações recíprocas, não em antagonismo;
- (v) Aproximação entre as regularidades arqueológicas (Foucault, 2012) e os padrões transmitidos nas figuras de corda (Haraway, 2019, 2022 [2008], 2023 [2016]), tal como sugerido por Camozzato (2022a, 2022b) e Franchini da Silva (no prelo), considerando a relacionalidade radical que atravessa a noção de formações discursivas e a transmissão de padrões FC, e agência disso que chamamos de materialidade nas restrições, exclusões e regulações discursivas (Barad, 2017 [2011]);
- (vi) Compreensão responsável de que as histórias constituídas nas práticas de análise discursiva também são parte da mundificação, do fazer de fronteiras do mundo e estarão implicadas nas práticas de codificação ou de resistência;
- (vii) Abertura à fabulação especulativa como modo de ficar com o problema, de modo que a Análise do Discurso, na especificidade de sua inscrição na Linguística, também esteja comprometida com o bem-viver, com as lutas travadas por vidas menos precárias e com abundância e regeneração.

### 3 PRÁTICAS DE ANÁLISE NEOMATERIALISTA DOS DISCURSOS EM CURSO: A CARTOGRAFIA DA BIOTECNOVOZ

Depois de discutir o que são estórias e como fazer mundo com elas em uma análise neomaterialista dos discursos, é hora de colocar as mãos no humus terrestre e narrar as práticas de análise, mundificação e fabulação com as quais tenho/temos nos vinculado em nossos fazeres. Nesse sentido, na estória de que se ocupa esta seção, me empenharei em relatar como o problema da voz, que tenho pesquisado desde 2014, também agenciou e orientou a elaboração e especulação de estratégias narrativas para a particularidade dos gestos de fazer análise do discurso que proponho/propomos aqui.

Ora, se o trabalho tem sido de uma especulação teórica fabulativa, sudaca e mundana, por outro lado, ele não emerge em um regime em que sujeito e objeto estão em diferentes topologias ontológicas, ele só é possível já no âmbito de uma material-discursividade dada no corte agencial (Barad, 2007, 2017 [2011]) como paradigma do conhecer no “contínuo reconfigurar do mundo” (Barad, 2017 [2011], p. 22), ou seja, no regime da intra-ação, em que “Nem as práticas discursivas nem os fenômenos materiais são ontológica ou epistemologicamente prévios. Nenhum pode ser explicado nos termos do outro. Nenhum tem status privilegiado para delimitar o outro” (Barad, 2017 [2011], p. 26). Em outras palavras, o trabalho de especulação teórica é desde sempre dado em uma objetividade parcial que parte dos problemas colocados, neste caso, pela voz, e a própria emergência da abordagem que nos empenhamos em delimitar está desde sempre contaminada pela matéria, por outras espécies e pela mundificação. Trata-se de um trabalho colaborativo, em todo caso: são as questões postas pela materialidade, pelo corpo, pelas espécies companheiras (Haraway, 2022 [2008]) que encetam um método que pede uma noção ampliada de discurso e de discursividade.

A pesquisa, que desenvolvi alinhando gendramento e racialização dos corpos-sujeitos, da voz e da linguagem (Camozzato, 2017, 2022b), tinha de se haver com um problema que retornava continuamente: não obstante a irrefutável *presença da voz* no dizer e no dispositivo da linguagem (Agamben, 2009), persistia a ausência de instrumentos teóricos para capturar os fazeres da voz que não fossem novamente sua formalização – em termos, digamos, de discurso linguístico, ou seja na economia do significante, como *fonema*. Partindo da impossibilidade mesma de linguística *stricto sensu* da voz, já identificada por Dolar (2007), minha aventura foi promover uma cartografia da biotecnovoz (Camozzato, 2022b), assumindo a cartografia tal como elaborada por Rolnik (2006) de Deleuze e Guattari (2019) e percorrendo simultaneamente as linhas duras e as linhas sedimentadas em busca de um corpo *vibrátil* para a voz que açambarcasse simultaneamente suas intensidades e fluxos moleculares e sua organização em territórios, na economia do sujeito. Uma voz nômade entre a onda e o sentido, uma voz perturbação da matéria e do sentido.

A radical imanência do corpo sem órgãos (Deleuze; Guattari, 2019), já transmutada em voz sem órgãos por Mazzei (2013) fez, na tese, rizoma e difração com as teorias já mencionadas aqui, notadamente os pós-humanismos, o realismo agencial e as artes de notar e de ficar com o problema. Assim, a voz, conceituada como biotecnovoz, passou a ser uma questão de um *continuum* naturezicultura (Haraway, 2016) e de intra-ação (Barad, 2007, 2017 [2011]) na qual, localmente, há constituição de um efeito de objeto desde um emaranhado que arregimenta, por exemplo, dispositivos de gênero e sexualidade, ondas sonoras, pregas vocais, enunciados, cavidades glóticas e supraglóticas, hormônios, territorializações e desterritorializações, a espacialidade onde a voz soa e, não menos importante, a tecnopolítica que cinde e normaliza vozes em femininas ou masculinas (cf. Camozzato, 2022b).

A tarefa, então, era fazer a biotecnovoz funcionar, e é aí que chegamos (i) ao que chamei de gênero-dissonância, uma complexa materialização da voz que escapa às normatividades de gênero – calcadas na diáde binária, opositiva e hierárquica entre sexos/gêneros – e seus efeitos; (ii) a meu primeiro uso das estórias como uma metodologia (Camozzato, 2022b). Minha escuta dirigiu-se às narrativas de si e da própria voz daqueles/daquelas/daquelus cujas estórias dão a ver a agência e o acontecimento da voz na materialização de ontologias de gênero. Esses relatos éticos de um si corpóreo (Butler, 2017), não apenas narravam a voz, descrevendo sua agência e as práticas vocais de si da ordem da gênero-dissonância, mas, sendo estórias vocalizadas, eram também acontecimentos da voz tomada como uma materialidade intra-ativa em curso. Na cena da entrevista, o discurso dizia a voz e a voz dizia a si mesma, constituindo localmente suas fronteiras na discursividade que lhe é própria.

Entendi, então, que meu trabalho como analista de um discurso dilatado seria operar simultaneamente com os relatos de si/da voz e narrar o acontecimento da voz que registrei em meu trabalho aplicado. A agência da voz agonisticamente contaminava não apenas as narrativas de si de minhas/meus/minhas interlocutoras/es/us, mas ela mesma materializava, em intra-ação, a possibilidade de

emergência de algo como um dispositivo vocal, enredamento entre coisas e discursos. A análise registrou, então, as marcas daquele fenômeno, buscando circunscrever o funcionamento dispersivo e local daquelas vocalizações que só poderiam materializar-se em um emaranhado humano e não humano, material e cultural. A voz como uma “coisa” (*it*) no “eu” (*I*) (Bennett, 2010), vibrátil e não humana. A voz no universo não antropocêntrico, não dualista, não hierárquico entre materialidade e linguagem/discurso oferecendo uma possibilidade reflexiva para uma abordagem pós-humanista da linguagem mesma. A voz como uma materialidade que intra-age no dispositivo da linguagem e que solicita um corpo em afecção, descrito por Latour (2008, p. 39), a partir de Despret, enquanto: “[...] *uma interface que vai ficando mais descritível quando aprende a ser afetado por muitos elementos*”.

A cartografia narrou três histórias da biotecnovoz, todas atinentes às tecnobiopolíticas de gênero atravessadas por outros dispositivos e racializações. A primeira foi a história de Fronteira, identificada, à época, como uma pessoa trans<sup>4</sup> não-binária, preta, que contava, então, com 39 anos e que atua como professora universitária. A história narra, em linhas gerais, como sua voz, ainda na infância, precipitou nos ambientes familiar e religioso das Testemunhas de Jeová, um movimento persecutório, espécie de combate à criança efeminada/dissidente de gênero (Sedgwick, 1993), que, ao mesmo tempo em que interditava seu dizer vocal no espaço público-eclesiástico<sup>5</sup> também propunha uma espécie de “cura gay” heteroterrorista (Bento, 2011), incluindo, entre os profissionais arrolados, uma fonoaudióloga que corrigisse os “desvios” vocais. Em linhas gerais, as práticas de si gendradas e sexuais de Fronteira, ainda criança, são antecipadas por um modo de ser de sua voz, que se torna um problema para Fronteira inclusive na vida adulta, dada a femininofobia – em muito vocal – que caracteriza boa parcela da sociabilidade gay que experimentou, o que fez com que ela autorregulasse seu soar em uma afinação mais “masculina”. A história de tantos desencontros e abjeções vocais encerra-se em um encontro: quando Fronteira passa a participar de saraus de uma poética da negritude, e aí, a potência de sua voz e a precisão de sua dicção escolarizada pelo movimento Testemunha de Jeová materializa poemas de que deflagram a apropriação corpora e cotidiana de uma ética de si e de uma ética coletiva, construída em redes.

A história de Nina – uma cismulher lésbica, gorda, negra, que contava quando da entrevista com 36 anos, atriz, cantora, militante de movimentos sociais de cunho cultural, religioso e racial-gendrado, e professora – é um contraponto à antitopologia lésbica caracterizada por Preciado (2017), ou seja, à falta de espaços e contraespaços de lesbianidade. Nina e sua voz, tomada por ela mesma como uma “alegoria”, habitam, preenchem e inundam as topologias da cidade de Florianópolis, tornando-se um efeito subjetivo não Nina, nome próprio, mas a ondulatória acústica de sua voz, uma espécie de ritualização em termos de força e potência da ocupação de espaços da cidade. Essa descrição que faço de Nina se materializou, por exemplo, no *Ocupa Minc*, no ano de 2016, quando o gesto inaugural de ocupação pôde se dar apenas após os brados de Ninas o articularem, voz devindo megafone sem a presença efetiva do aparato, desnecessário diante daquilo no soar de Nina que retumba.

A cena de entrevista de Nina se deu na cozinha de sua casa, e a captura de sua voz como um discurso material-semiótico é atravessada por outras agências e material-discursividades, como o almoço que fizemos, as músicas ouvidas por sua colega de residência, os cigarros fumados, *coisas* que impactam não apenas na garganta de carne que diz, mas também têm efeito no acontecimento da entrevista, nos modos de dizer. Além de sua faceta política – Nina candidatou-se à vereança na cidade de Florianópolis explorando, em sua campanha sua figuração política de alegoria sonora – a voz de Nina também faz rizoma com instâncias do sagrado, voz como axé, sendo tomada como um sopro vital (Martins, 2003) que profere, professa e canta na casa religiosa de umbanda que frequenta – o Ogã orgulha-se de como Nina não tem vergonha de cantar seus santos. Assim, narrar esta história da voz como simultaneamente política, cultural e sagrada requer aquilo que Braidotti (2013) chamou de “virada pós-secularista”, tendo-se aí o corolário da matéria organizando instâncias de libertação humana, perspectiva que suplanta a dicotomia secular e sagrado tal como organizada na modernidade.

A terceira e última história contorna a tecnobiovoz como *selfmade voice*, implicando-se no gesto de narrar as múltiplas agências e a polivalência discursivomaterial da voz no âmbito do que Preciado (2018) chamou de tecnogênero. Trata-se da história de Léo, pessoa

<sup>4</sup> A expressão “trans” (Halberstam, 2017) engloba travestis, transexuais e transgêneres, e seu uso, tal como elaborado por Jack Halberstam e Susan Stryker busca, além de sair da tensão entre o aparato biomédico incidente na emergência da transexualidade, também propor trans\* como uma processualidade desafiadora e transvaloradora.

<sup>5</sup> Como Fronteira me contou, a religião é conhecida por oferecer um estatuto privilegiado para a pregação oral da narrativa bíblica, incluindo, em suas formações da Escola do Movimento Teocrático, aulas de dicção e oratória.



transmasculina, branca, homossexual, com então 34 anos, doutorando na área de humanas e em formação psicanalítica, com graduação em educação física. Essa estória atravessa as instabilidades que a materialidade vocal oferece às ontologias cisgendradas, investigando, na processualidade de algo como uma transição de gênero, a paradoxal hiperaudibilidade e não audibilidade das vozes transmasculinas, as alianças e fronteiras – sobretudo vocais – entre as lesbianidades e as transmasculinidades (Halberstam, 1998), a agência das moléculas de testosterona na glote e nas pregas vocais, a biotecnovoz no hackeamento de gênero. Foi possível, tal como Halberstam (1998) o fez, fabular uma espécie de *continuum* de masculinidades não heterocissexuais, escutando as masculinidades lésbicas, não-binárias e transmasculinas, topologia em que a voz assume contornos que organizam corporal e subjetivamente as alianças, continuidades e rupturas.

Evidentemente o modo como mobilizo tais estórias aqui dá apenas indícios do processo analítico, das descrições densas e da narratividade que a pesquisa assumiu diante de uma materialdiscursividade complexa, rizomática e de múltiplos atores, como é o caso da biotecnovoz. A estratégia, neste artigo que discute uma fabulação metodológica, e o faz narrando a estória da emergência do conceito de biotecnovoz, foi fazer valer o postulado de Tsing de uma “profusão de estórias” e atravessar essa pequena multidão de agentes que contornam os efeitos de objeto “voz” em três diferentes topologias, optando-se, portanto, por não adensar um ou outro caso.

O que é mister notar nas estórias ora sintetizadas é que, não obstante a existência de regularidades que performativa, iterativa e intra-ativamente dirão quais as fronteiras que contornam esse efeito de objeto chamado de biotecnovoz, também a materialização da voz – historicidade em curso – se dá localmente em maquinarias que são contextuais, locais, parciais e contaminadas por diferentes agentes. Diante de tais agências ora simétricas, ora assimétricas, sustento que um dos recursos disponíveis a quem se propõe a analisar um discurso ampliado e não antropocêntrico é uma narratividade espessa.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A FABULAÇÃO DE ESTÓRIAS COMO UMA PROPOSIÇÃO AFECTADA PARA A ANÁLISE NEOMATERIALISTA DOS DISCURSOS

Tal como Tsing (2022 [2015]), esta proposição de uma análise neomaterialista dos discursos capaz de fabular estórias na precariedade e na indeterminação esbarra-se com o problema da ciência moderna (Latour, 2019 [1994]), em suas purificações, predições e formalizações. Particularmente, esbarra-se com a contaminação e a fabulação nisso que já foi destrinchado por Foucault (2000a) como o problema das ciências humanas e das epistemes. As viradas material e pós-humanista que este texto leva a cabo oferecem desafios no âmbito das análises do discurso, aos quais nossas respostas devem ser, necessariamente, especulativas. “Fato científico e especulação fabulativa necessitam um do outro e ambos necessitam do feminismo especulativo”, nos diz Haraway (2023 [2016], p. 3).

Considerando-o, o que este texto pretendeu nas discussões que empreendeu foi uma *proposição* no sentido que Latour (2008) opera em diálogo com Despret e Stengers: aproxima-se da corporeidade e da materialidade (humana e não humana) ventilando novas e profícuas articulações, em detrimento da veridicção característica das afirmações. A definição de articulação de Latour perpassa não a associação a entidades linguísticas, mas a “[...] capacidade de trazer a lume os componentes artificiais e materiais que permitem progressivamente adquirir um corpo” (Latour, 2008, p. 43). No âmbito do sujeito: “[...] sujeito que aprende a ser afectado pelos outros – não por si próprio” (Latour, 2008, p. 43).

Na arena discursiva, trata-se de uma análise dos discursos ciente de suas limitações linguístico-antropológicas, que não se ilude quanto à possibilidade de teorizar sobre o corpo diretamente, propondo-se, em intra-ação, a teorizar sobre como o corpo (repito exaustivamente, não só humano) e a linguagem envolvem-se mutuamente em relatos do que faz o corpo, ilustrados aqui em relatos do que faz a biotecnovoz e de como esse conceito foi forjado.

A articulação não é uma convergência em que fatos fecham a discussão. A articulação prolifera e registra diferenças, sensibilizando-se cada vez mais a diferenças e a mediações. Não se trata da busca de afirmações exatas e replicáveis sobre o mundo, mas de um registro dispersivo de corpos, afecções e realidades, em que o científico está, tal como Latour via Stengers e Despret indica, para o

“interessante”, ou seja, para “fecundo”, “produtivo”, “rico” e “original”, o oposto de “redundante”. Uma análise do discurso, especulo, requalificada, em que “[...] *um ou uma cientista apaixonadamente interessado/a, que proporciona a seu objeto de estudo todas as ocasiões necessárias para mostrar interesse e para responder às questões que lhe coloca recorrendo às suas próprias categorias*” (Latour, 2008, p. 51).

Como este texto problematizou, as estórias importam sobretudo na relacionalidade radical que instauram. Haraway (2019) e Strathern (*apud* Haraway, 2023 [2016]) nos ensinam que importam (i) matérias usadas para pensar outras matérias; (ii) estórias usadas para contar outras estórias; e (iii) estórias que produzem mundos, mundos que produzem estórias (Haraway, 2023 [2016]). A análise neomaterialista dos discursos constitui-se, desde suas *práticas*, em uma responsabilidade implacável com o gesto de fazer mundos, fazer alianças e narrar estórias que facultem a produção de compromissos com a possibilidade de resistência e de bem viver para os humanos e não humanos precarizados. É na não inocência diante da contingência como distribui-se a vida e a morte na terra e na possibilidade de fabular outros modos de devir-com que esta proposição de análise neomaterialista dos discursos *articula-se*. Parto, aqui, da filigrana da voz compósita, biotecnovoz, e de sua gente dissidente sexual-gendrada, mas anseio/ansiamos por outras estórias.

## AGRADECIMENTOS

A autora agradece o recebimento de bolsa FAPESC/CNPq para realização de seu estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. O que é um dispositivo. In: AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó: Argos, 2009.

BARAD, K. Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria. Tradução de Thereza Rocha. *Revista Vazantes*, v. 1, n. 1, p. 7-34, 2017 [2011]. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/vazantes/article/view/20451>. Acesso em: 02 mai. 2024.

BARAD, K. Diffracting Diffraction: Cutting Together-Apart. *Parallax*, v. 20, n. 3, p. 168-187, jul. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13534645.2014.927623>. Acesso em: 02 mai. 2024.

BARAD, K. Quantum entanglements and hauntological relations of inheritance: Dis/continuities, spacetime enfoldings, and justice-to-come. *Derrida Today*, v. 3, n. 2, p. 240-268, 2010. Disponível em: <https://feministstudies.ucsc.edu/faculty/publications/pdfs/barad-derrida-today.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2025.

BARAD, K. *Meeting the universe halfway* – quantum physics and the entanglement of matter and meaning. Durham e London: Duke University Press, 2007.

BARAD, Karen. Getting Real: Technoscientific Practices and the Materialization of Reality. *Differences – A Journal of Feminist Cultural Studies*, v. 10, n. 2, p.87- 128, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1215/10407391-10-2-87>. Acesso em: 23 abr. 2024.

BENNETT, J. *Vibrant Matter* - A political ecology of things. Londres: Duke University Press, 2010.

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 2, p. 549-559, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200016>. Acesso em: 10 abr. 2022.

BRAIDOTTI, R. Posthuman affirmative politics. In: WILMER, S. E.; ZUKAUSKAITÉ, A. (ed.) *Resisting biopolitics: philosophical, political, and performative strategies*. New York: Routledge, 2016. p. 30-56.

BUTLER, J. *A força da não violência: um vínculo ético-político*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021.

BUTLER, J. *Corpos que importam – Os limites discursivos do “sexo”*. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições, 2020 [1993].

BUTLER, J. *Corpos em aliança e política das ruas: Notas para uma teoria performativa da assembleia*. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. 2. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, J. *Relatar a si mesmo – Crítica da violência ética*. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

BUTTURI JUNIOR, A. Michel Foucault e as coisas sem paz. In: BUTTURI JUNIOR, A.; FERNANDES, C. A.; BRAGA, S. (org.). *Cartografias do contemporâneo: crises de governamentalidade*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p. 65-81.

BUTTURI JUNIOR, A. O HIV, o ciborgue, o tecnobiodiscursivo. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 58, n. 2, p. 637-657, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8655554>. Acesso em: 29 abr. 2022.

BUTTURI JUNIOR, A.; CAMOZZATO, N. M. Prolegômenos a uma análise neomaterialista dos discursos. In: BUZZATTO, M. E. K.; SEVERO, C. G. (org.). *Cosmopolítica e linguagem*, Campinas: Letraria, 2023. p. 73-95. Disponível em: [https://www.academia.edu/104568174/CAP%C3%8DTULO\\_Proleg%C3%B4menos\\_a\\_uma\\_an%C3%A1lise\\_neomaterialista\\_dos\\_discursos](https://www.academia.edu/104568174/CAP%C3%8DTULO_Proleg%C3%B4menos_a_uma_an%C3%A1lise_neomaterialista_dos_discursos). Acesso em: 20 ago. 2023.

CAMOZZATO, N. M. Biotecnovoz e gênero-dissonância: a voz e o discurso no realismo agencial. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 8335-8350, jul./set. 2022a. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e91142>. Acesso em: 10 set. 2023.

CAMOZZATO, N. M. *Vozes gênero-dissonantes: uma cartografia pós-humanista*. 2022. 257f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022b. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/235993#:~:text=Resumo%3A,e%20mais%2Dque%2Dhumanos>. Acesso em: 30 ago. 2025.

CAMOZZATO, N. M. *O samba em pessoa: Aracy de Almeida e o dispositivo da oralidade*. 2017. 245f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/182825>. Acesso em: 30 ago. 2025.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs vol. 1*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2019.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs vol. 2*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DESPRET, V. *Autobiografia de um polvo e outras narrativas de antecipação*. Tradução de Milena P. Duchade. São Paulo: Bazar do Tempo, 2022.

DOLAR, M. *Una voz y nada más*. Tradução de Daniela Gutierrez e Beatriz Vignoli. Buenos Aires: Manantial, 2007.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. São Paulo: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas – uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000a.

- FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos II* – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000b.
- FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica*: curso dado no Collège de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FRANCHINI DA SILVA, B. *O DIU como dispositivo intra-ativo*: uma análise neomaterialista. Qualificação (Doutorado em Linguística). No prelo – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, no prelo.
- HALBERSTAM, J. *Trans\** Uma guia rápida y peculiar de la variabilidad de género. Tradução de Javier Sáez. Barcelona – Madrid: egales editorial, 2017.
- HALBERSTAM, J. Transgender Butch. Butch/FTM Border Wars and the Masculine Continuum. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, v. 4, n. 2, p.287-310, 1998. Disponível em: <https://www.sfu.ca/~baw2/GSWS826/Halberstam.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2025.
- HARAWAY, D. J. *A reinvenção da natureza* – Símios, ciborgues e mulheres. Tradução de Rodrigo Tadeu Gonçalves. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2023 [1991].
- HARAWAY, D. J. *Ficar com o problema*: fazer parentes no Chthuluceno. Tradução de Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023 [2016].
- HARAWAY, D. J. It Matters What Stories Tell Stories; It Matters Whose Stories Tell Stories. *a/b: Auto/Biography Studies*, v. 34, n. 3, p. 565-575, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08989575.2019.1664163>. Acesso em: 18 abr. 2024.
- HARAWAY, D. J. *Quando as espécies se encontram*. Tradução de Juliana Fausto. São Paulo: Ubu Editora, 2022 [2008].
- HARAWAY, D. J. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- HARAWAY, D. J.; GOODEVE, T. N. Fragmentos: quanto como uma folha. Entrevista com Donna Haraway. *Mediações*, Londrina, v. 20, n. 1, p. 48-68, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/23252>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- LATOUR, B. *Jamais fomos modernos* – Ensaio de antropologia simétrica. 4ª ed. São Paulo: Editora 34, 2019 [1994].
- LATOUR, B. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, J. A.; ROQUE, R. (org.). *Objectos impuros*: experiências em estudos sobre a ciência. Porto: Edições Afrontamento, 2008. p. 37-62.
- LE GUIN, U. *A teoria da bolsa da ficção*. São Paulo: n-1 edições, 2021.
- MARTINS, L. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Santa Maria, v. 26, p. 63-11, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 30 ago. 2025.
- MAZZEI, L. A. A voice without organs: interviweing in posthumanist research. *International Journal of Qualitative Studies in Education*. v. 26, n. 6, p. 732-740, jun. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09518398.2013.788761>. Acesso em: 12 abr. 2024.

ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental* – Transformações Contemporâneas do Desejo. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2006.

PRECIADO, P. B. *Testo Junkie* – Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro e Veronica Daminelli Fernandes. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, P. B. Cartografias “Queer”: O ‘Flaneur’ Perverso, A Lésbica Topofóbica e A Puta Multicartográfica, Ou Como Fazer uma Cartografia ‘Zorra’ Com Annie Sprinkle. *eRevista Performatus*, Inhumanas, v. 5, n. 17, p. 1-32, jan. 2017. Disponível em: [https://desarquivo.org/sites/default/files/cartografias-queer\\_performatus.pdf](https://desarquivo.org/sites/default/files/cartografias-queer_performatus.pdf). Acesso em: 29 ago. 2025.

SEDGWICK, E. K. How to bring your kids up gay. In: WARNER, M. (ed.). *Fear of a Queer Planet* – Queer Politics and Social Theory. Minneapolis: Universtiy of Minnestoa Press, 1993. p. 69-81.

TSING, A. L. *O cogumelo no fim do mundo*: Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. Tradução de Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: n-1 edições, 2022 [2015].



Recebido em 05/02/20205. Aceito em 21/04/2025.

Publicado em 25/09/2025.